



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17690 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GE Corpo e Educação

CORPO-RECIPIENTE: CORPOREIDADES POÉTICAS EM PESQUISA

Luciana da Costa Quintal - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO UNIRIO

CORPO-RECIPIENTE: CORPOREIDADES POÉTICAS EM PESQUISA

Muito tem se falado e pesquisado sobre o corpo na educação, mas pouco tem se discutido sobre o corpo da pessoa que profere o discurso. Existem inúmeras pesquisas sobre corpo, mas como temos agido e percebido nossos próprios corpos ao longo do processo de investigação? Com este pensamento, eu – professora-pesquisadora-artista da Literatura e da Dança-Educação – descrevo em primeira pessoa esta experiência baseada na Pesquisa narrativa (CLAUDENIN; CONNELLY, 2015), na Matéria de poesia (BARROS, 2010), na Criação artística (SALLES, 1998) e na conjugação do verbo “corpar” (KATZ, 2021), compreendendo que ser corpo é também ser complexo, diverso, multifacetado e transdisciplinar por excelência (ÁVILA: 2012, p.2).

Nas minhas indagações sobre a valorização do corpo na educação, percebi que minhas reflexões passavam por um grande conflito: como pensar os corpos e subjetividades na sala de aula se eu mesma não tenho respeitado meu próprio corpo? Seria eu uma fraude desses tempos de produtividade e resultados que se me apresenta? Como minhas dores podem dialogar com a professora-pesquisadora artista que busco em mim? Nesse sentido, acredito que as dores do corpo são experiências universais, uma vez que quem já experimentou uma dor física vivencia um recolhimento do mundo exterior, voltando-se para a própria dor. Assim, o investimento em algo para além da dor é dificultado. A potência artística enfraquece. Enfraquecem nossos corpos em pesquisa tal qual quando impedidos por uma dor de cabeça ou pelas horas a fio em frente a um computador sem atentar-nos à postura, à inércia, ao cuidado com nosso próprio corpo.

Esse tema me trouxe à tona um corpo-recipientes, pois preenchamos e esvaziamos um

corpo, que sente que sofre que ri e sente dor. Saudosos dos momentos em que não estávamos sentindo dores, de um corpo disponível e saudável, não nos damos conta de que, quando nosso corpo está em pleno funcionamento, torna-se imperceptível, como um transporte de pensamentos. Nosso corpo e nossa percepção dele aparecem com mais frequência na dor, na doença, na falibilidade. Temos um sistema de órgãos que não param de funcionar, mas se deparamos com uma falha, nos atentamos para suas partes, buscamos conhecê-las.

A experiência que apresento foi realizada na disciplina eletiva Laboratório de Dança-Educação. Uma das propostas da disciplina é que as alunas – sim, todas mulheres – apresentassem uma prática de quarenta e cinco minutos relevante para a sua pesquisa. Busquei, então, a partir da relatoria poética (QUINTAL, 2024), pensar a atenção e o cuidado com o corpo das pesquisadoras de corpo. Intitulei essa vivência como “Do Corpo do Texto ao Texto do Corpo”, com o objetivo de refletir sobre atenção e cuidado do próprio corpo; aliar reflexões e experiências de corpo e escrita; abrir o olhar/a percepção artística; e estimular a leitura e produção poética.

Primeiro, para contextualizar o momento que chamei de “Corpo-Recipiente”, atravessada por leituras e reflexões da própria disciplina, utilizei a metáfora de Lakoff & Johnson em “Metáforas” (2002). Pedi que caminhassem pelo espaço nas trajetórias que o corpo pedisse. Li o poema “Poesiar” (QUINTAL, 2023, p.33), que cantava as minhas dores (cheguei a imprimir os poemas que selecionei para essa vivência, pois há uma aluna surda conosco, mas ela não foi a esta aula).

Pedi para que pensassem durante a caminhada na atenção ao próprio corpo. Estamos dando a devida atenção ao nosso próprio corpo, mesmo sendo pesquisadoras de corpo? Entreguei-lhes pequenos papéis amarelos e outros de cor laranja e pedi-lhes que escrevessem uma palavra que represente o que o seu corpo quer se preencher (amarelo) e o que o seu corpo não quer, quer esvaziar (laranja). Abri o recipiente, atentando de que nosso corpo é um recipiente. E então lhes pedi que depositassem seus papéis coloridos no corpo-recipiente.

Quais são as ações que mais fazemos como pesquisadoras de corpo? Ler? Escrever? Dançar? Então, vamos descansar os olhos, as mãos, a coluna, a lombar, trapézios. Fizemos exercícios de alongamento direcionados a cada uma dessas partes. Pedi que escolhessem alguma dessas partes que lhes parecia precisar de mais atenção naquele momento, momento que chamei de “Apreciação: Metáforas Corporais”. Deixar o corpo dançar nessa atenção e nesse cuidado; para cima e para baixo (o que te faz sentir nas nuvens? E no fundo do poço?); levar os movimentos para cima: desobedecer a lógica. Ressignificar suas posições de leitura e escrita, lançar-se no desconhecido. Li alguns poemas de Manoel de Barros (2010) para inspirar.

Para a construção da nossa relatoria poética, pedi que escrevessem uma “mini-carta” ao próprio corpo, por alguns minutos, impulsionadas pelas perguntas: Que atenção e cuidado tenho tido com meu corpo em tempos de pesquisa? O que eu trago da teoria para a minha

prática de corpo? Que imagens poéticas eu associo ao meu corpo de pesquisadora? Enquanto as escritas aconteciam, fui colando os papéis amarelos e laranjas do nosso “Corpo-Recipiente” no nosso caderninho coletivo, este que confeccionei para esta vivência.

A primeira relatoria poética estava já encaminhada desde o seu planejamento. Separei as palavras em substantivos e verbos e encaixei no caderninho. Criei frases de ligação entre elas. E a primeira relatoria aconteceu. A segunda relatoria se deu pelas cartas ao corpo que cada aluna escreveu nos pequenos papéis amarelos. Por fim, o último momento, “Licença de dormir”. Apaguei as luzes da sala, pedi que pegassem os colchonetes que estavam disponíveis e escolhessem a melhor posição para dormir. Li o poema “Exausto”, de Adélia Prado (1991, p.25), tal qual pede licença para dormir, descansar horas a fio. Enquanto isso, peguei a nossa primeira relatoria poética, já construída pelos papéis de “Corpo-Recipiente” no nosso “caderninho coletivo”. Em seguida, com as “mini-cartas” em mãos, fui lendo as primeiras frases escritas por elas, como uma relatoria poética impensada.

Dentre as diversas ricas experiências que as relatorias poéticas nos proporcionaram, o corpo-recipientes revela as corporeidades poéticas em pesquisa, em suas dores e desejos, em suas falibilidades e potências. Corpos em metáforas são capazes de pensar a relatoria poética para além da reflexão da própria formação docente, como também rica ferramenta para despertar uma educação pelo/do/com o corpo, o olhar para si, o movimento e o registro, abrindo caminhos para uma dança-escrita na pesquisa e na vida.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Lazslo Antonio. O corpo, a subjetividade e a psicossomática. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 1, p. 51-69, jun. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382012000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 fev. 2024.

BARROS, M. de. **Manoel de Barros: poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa Narrativa: experiências e história em pesquisa qualitativa**. 2ª. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

KATZ, Helena. **CORPAR – porque corpo também é verbo**. In: BASTOS, Helena. *Coisas vivas: fluxos que informam*. São Paulo: ECA-USP, 2021.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. As metáforas orientacionais/Metáfora e coerência cultural/As metáforas ontológicas. In.: _____. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002, p. 59-70; 75-86. LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **REV. BRAS. EDUC.** [online]. Barcelona, Espanha, 2002, n.19, p. 20-28.

PRADO, Adélia. **Poesia reunida**. 3.ed. São Paulo: Siciliano, 1991.

QUINTAL, Luciana. **Corpo que poesia**. Rio de Janeiro: Editora Telha, 2023.

_____. Relatorias Poéticas: por uma educação como forma de (a)mar. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2023.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.